

Discursos em conflito: estratégias bolsonaristas para deslegitimar a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia através do Twitter.

Cássio Morosini*

Resumo: Este artigo investiga as práticas discursivas de apoiadores do presidente Bolsonaro no Twitter durante a CPI da Pandemia. A análise é fundamentada teoricamente por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), em diálogo com discussões interdisciplinares sobre o debate político nas mídias sociais (CESARINO, 2020; KHOSRAVINIK, 2017a, 2017b). O estudo é qualitativo, realizado através das *hashtags* #RenanVagabundo e #CPIdoCirco. Identificamos diferentes práticas discursivas que foram agrupadas em duas categorias: a deslegitimação da CPI através da representação negativa dos senadores e uma representação do processo da CPI enquanto uma tentativa de autopromoção de opositores do presidente.

Palavras-chave: CPI da Pandemia. Bolsonarismo. Twitter. Análise do Discurso Crítica (ADC).

Abstract: This paper investigates the discursive practices of president Bolsonaro's supporters on Twitter during the pandemic's Parliamentary Commission of Enquiry (CPI). The analysis is theoretically based on Chouliaraki & Fairclough (1999) and Fairclough (2003), along with interdisciplinary discussions about political debates on social media (CESARINO, 2020; KHOSRAVINIK, 2017a, 2017b). This is a qualitative study, performed through the hashtags #RenanVagabundo and #CPIdoCirco. We identified different discursive practices that were grouped in two categories: the delegitimization of the CPI through negative representations of the senators and a representation of the process as an attempt of self-promotion of the president's political rivals.

Key-words: Pandemic's CPI. Bolsonarism. Twitter. Critical Discourse Analysis (CDA).

Resumen: Este trabajo investiga las prácticas discursivas de los seguidores del presidente Bolsonaro en Twitter durante la Comisión Parlamentaria de Investigación (CPI) de la pandemia. El análisis se sustenta teóricamente en Chouliaraki & Fairclough (1999) y Fairclough (2003), junto con las discusiones interdisciplinarias sobre el debate político en los medios sociales (CESARINO, 2020; KHOSRAVINIK, 2017a, 2017b). Se trata de un estudio cualitativo, realizado a

* Mestrando em Linguística Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio (GECEIR). <http://orcid.org/0000-0001-9641-6606> / E-mail: cassio.bmorosini@gmail.com.



través de los *hashtags* #RenanVagabundo y #CPIdoCirco. Identificamos diferentes prácticas discursivas que se agruparon en dos categorías: la deslegitimación de la CPI a través de representaciones negativas de los senadores y una representación del proceso como un intento de autopromoción de los opositores políticos del presidente.

Palabras clave: CPI de la pandemia. Bolsonarismo. Twitter. Análisis del Discurso Crítico (ADC).

1 Introdução

O dia 27 de abril de 2021 marca a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) pelo Senado brasileiro, com o objetivo de investigar a forma como o governo de Jair Bolsonaro conduziu o país em meio à pandemia de COVID-19, que foi acompanhada em tempo real por milhares de brasileiros através de diferentes plataformas, entre elas, a internet. Em sua conclusão, a CPI foi capaz de trazer à tona o fato de que o Governo Federal não foi apenas moroso e inerte na sua maneira de lidar com a pandemia, mas adotou uma estratégia explícita de contribuir para que o vírus se espalhasse e o país atingisse uma imunidade coletiva – ou imunidade de rebanho – à custa de mais de 650 mil vidas, o que já havia sido discutido anteriormente por pesquisadores que têm acompanhado de perto as ações do governo Bolsonaro (VENTURA; REIS, 2021). As questões salientadas pela CPI mantiveram papel de destaque no debate público desde o início do trabalho dos senadores, tanto na mídia tradicional quanto nas redes sociais, o que certamente contribuiu para que a gestão de Bolsonaro batesse recordes de rejeição na opinião pública (GIELOW, 2021).

Algo inédito nessa CPI foi a constante interação entre internautas e senadores nas redes sociais. Em um determinado momento, o próprio relator da CPI, Renan Calheiros, abriu uma “caixa de perguntas” no *Instagram* para que usuários enviassem seus próprios questionamentos a algumas testemunhas, sendo muitos deles de fato levados à comissão (TEIXEIRA, 2021). Essa movimentação intensa nas redes sociais fez com que a CPI figurasse diversas vezes entre os assuntos mais discutidos no *Twitter*, plataforma fundamental para a comunicação política de Bolsonaro e para a articulação de seus apoiadores.

Na semana do dia 12 de maio, no entanto, o cenário mudou. Nesse dia, Flávio Bolsonaro, senador e filho do presidente, numa discussão da própria CPI, chamou Renan Calheiros de “vagabundo”, o que gerou uma intensa movimentação de bolsonaristas no *Twitter* usando a *hashtag* #RenanVagabundo como maneira de questionar a CPI através da figura de seu relator. A *hashtag* foi a mais comentada no *Twitter* naquele dia e manteve destaque nos dias seguintes da mesma semana, o que, em grande parte, foi impulsionado pela ação de *bots* (WERNECK, 2021), robôs virtuais que disparam tuítes em contas falsas. Apesar disso, fato é que muitas contas de apoiadores de Bolsonaro postaram inúmeros tuítes atacando Renan Calheiros das mais diversas maneiras. O que pode ser observado, portanto, é um aceno de Flávio Bolsonaro a seus apoiadores no meio virtual – um vídeo curto, que pode ser replicado inúmeras vezes e usado fora de contexto para desmoralizar a CPI entre o público bolsonarista – além de estimular esses internautas a criarem *hashtags* para tentar ocupar o debate na internet.

Neste trabalho, adotamos o aporte teórico da Análise Discursiva Crítica (ADC) conforme Fairclough (2003), que analisa o discurso através de três tipos de significado – acional, representacional e identificacional –, para compreender quais foram as práticas discursivas utilizadas pelos internautas que interagiram com duas *hashtags* criadas para tentar deslegitimar a CPI: as *tags* #RenanVagabundo e #CPIdoCirco. Mais especificamente, nos debruçaremos sobre o significado representacional, avaliando como a CPI é representada em termos de seu processo, seus participantes e suas circunstâncias, com foco especial no relator da CPI, o senador Renan Calheiros, mas também a respeito de senadores como Omar Aziz e Randolfe Rodrigues, presidente e vice-presidente da CPI, respectivamente.

2 Populismo, discurso e mídias sociais

Recentemente, a ascensão das redes sociais enquanto formas dominantes de comunicação impôs mudanças profundas em diversas camadas da sociedade, interferindo drasticamente na maneira como as pessoas se relacionam, desde o âmbito

familiar até relações empresariais e políticas. Com todas essas transformações, surgem também mudanças nas formas como as pessoas se informam. Onde antes havia um consumo majoritariamente unilateral, que fluía de um falante que representava uma plataforma dotada de prestígio/autoridade (como a mídia tradicional) para uma audiência que tinha somente o papel de ouvinte, é possível observar hoje uma nova dinâmica de comunicação, na qual os discursos podem circular de maneira muito mais horizontal (KHOSRAVINIK; UNGER, 2016; KHOSRAVINIK, 2017a).

Parte dessa nova dinâmica decorre do fato de que, nas redes sociais, não há a produção de um conteúdo por parte da plataforma a ser consumido pelo usuário; esse indivíduo, na verdade, pode ser encaixado de acordo com Fuchs (2011) na categoria marxiana de *prosumer*, ou seja, produtor e consumidor simultaneamente (KHOSRAVINIK; UNGER, 2016). É através da atividade de cada usuário que as redes sociais se mantêm, ficando esses indivíduos responsáveis por coproduzir e codistribuir conteúdo. Porém, não entraremos nessa discussão em detalhes; importante, para nós, é que a estrutura das redes possibilita que esses conteúdos criados por cidadãos comuns sejam reproduzidos de uma forma até então impossível, o que tem impactos profundos na maneira como as pessoas se comunicam e, conseqüentemente, no discurso político (KHOSRAVINIK; UNGER, 2016; KHOSRAVINIK, 2017b). Essa ecologia das redes sociais também opera mudanças nos gêneros que nelas circulam; grandes jornais, hoje, publicam diariamente suas notícias nas redes sociais, enquanto os leitores (ou usuários) podem reagir a elas e tecer comentários de forma direta. Tudo isso contribui para a formação de espaços compartilhados, nos quais os perfis de cidadãos comuns podem interagir diretamente com perfis de grandes empresas e políticos importantes. Apesar de haver claros pontos positivos nessa nova estrutura, como a circulação de ideias contrárias a discursos hegemônicos sustentados por grandes conglomerados midiáticos, por exemplo, é fato que essa dinâmica também trouxe problemas.

A estrutura das redes sociais é projetada de modo a capturar a atenção dos usuários. Para esse fim, empresas como o *Facebook* e o *Twitter* utilizam algoritmos que privilegiam publicações que geram muitas reações, não importa se positivas ou negativas, o que faz com que essas redes sejam terreno fértil para a circulação de notícias

sensacionalistas ou simplesmente mentirosas, as chamadas *fake news*, ou *junk news*¹, que foram bastante discutidas recentemente (VENTURINI, 2019). Como afirma KhosraviNik (2017b), esse *design* das redes privilegia a relevância em detrimento do conteúdo. As consequências são inúmeras, como o uso de perfis falsos comandados por robôs, que são adotados com o propósito de viralizar um determinado assunto, gerando uma falsa percepção de popularidade, e a formação de “bolhas” de usuários que interagem somente com conteúdos de indivíduos com pensamentos semelhantes aos deles, o que frequentemente culmina na radicalização do pensamento político dessas pessoas – uma incapacidade de se comunicar com o outro (KHOSRAVINIK, 2017b).

É relevante também para nossa discussão o conceito de meme conforme ele é compreendido no âmbito das redes sociais. O termo meme surgiu a partir do biólogo Richard Dawkins, descrevendo uma analogia com a noção de gene. Dentro da perspectiva da evolução de Darwin, gene seria a “unidade biológica que ou sobrevive ou é extinta no processo de seleção natural” (CHANDLER, 2013, p. 7). Dawkins observa, portanto, que da mesma forma que ocorre a transmissão genética, há também a transmissão de ideias em uma sociedade, sendo o meme, portanto, uma unidade de transmissão cultural. O autor comenta como melodias, slogans, estilos de vestuário, *etc.* seriam todos exemplos de memes (LIMA-NETO; OLIVEIRA, 2019). Com a evolução da internet, o termo meme passou a ser usado popularmente para descrever artefatos específicos desse ambiente virtual.

Com relação aos memes na internet, o aspecto mais importante é justamente a questão do compartilhamento. Berger e Milkman (2012) dissertam a respeito da importância social de se compartilhar o conteúdo online nos dias atuais, bem como as razões por que certos conteúdos são mais compartilhados do que outros. Os autores chegam à conclusão de que um dos fatores que motiva o compartilhamento de conteúdo

¹ Venturini (2019) defende a adoção do termo “*junk news*” em oposição a “*fake news*”. Segundo o autor, ao falar em *fake news*, i.e., notícias falsas, cria-se uma percepção de que há limites bem definidos entre o que pode ser considerado verdadeiro e o que pode ser considerado falso, o que analiticamente pode gerar alguns problemas. *Junk news*, por outro lado, salienta um aspecto mais importante, o de como essas notícias sensacionalistas (que ora se apresentam como distorções de fatos verdadeiros, ora como completas mentiras) são projetadas de modo a captar a atenção de leitores que, por diversas razões, teriam tendências a acreditar nelas sem questioná-las, e levá-los a compartilhá-las, consequentemente viralizando aquele conteúdo.

é o desejo de entreter outras pessoas. Assim, percebe-se por que memes, enquanto dispositivos humorísticos curtos e que podem, portanto, ser consumidos rapidamente pelo leitor, tornaram-se tão importantes nos ambientes digitais. Essa questão foi notada e é bastante utilizada não só por empresas para divulgar seus conteúdos (BERGER; MILKMAN, 2012), mas também por atores políticos. Dessa forma, todas essas estruturas próprias da ecologia das redes sociais têm sido mobilizadas cada vez mais com propósitos políticos/eleitorais.

Em 2016, o mundo observou a eleição de Donald Trump em um processo que muito se assemelhou à eleição de Jair Bolsonaro dois anos depois. Em ambos os casos, robôs, memes, notícias falsas e um discurso difuso, inflamado e potencializado pelas redes sociais, trouxeram a vitória nas urnas para os candidatos. No caso brasileiro, Cesarino (2020) discute o que a autora chama de populismo digital: uma readequação do conceito de populismo desenvolvido por Laclau (2005) à era das redes sociais, que tem como característica uma série de novas práticas discursivas próprias do ambiente da internet que são adotadas com diferentes propósitos, como novas formas de atacar opositores – reforçando a divisão entre “nós” e “eles”, algo bastante explorado por partidos da nova direita ao redor do mundo (WODAK, 2020) –, enaltecer a personalidade do líder – no caso brasileiro, de Jair Bolsonaro –, desqualificar a mídia tradicional e a academia, entre outros (CESARINO, 2019a; 2020).

A partir dessas questões, fica claro que o profundo impacto que as redes sociais tiveram no plano político no Brasil e no mundo as põe em posição de destaque para a ADC. São diversas as práticas discursivas envolvidas nessa reformulação do jogo político, e sua articulação e seus impactos merecem nossa atenção.

2.1 O Twitter, o bolsonarismo e as *hashtags*

Desde a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, ficou claro o papel das redes sociais no crescimento do bolsonarismo enquanto ideologia política. Os estudos de Cesarino (2019a; 2019b; 2020) focaram no papel do *WhatsApp* nas eleições de 2018, mas é possível

encontrar trabalhos que abordam estratégias comunicativas e discursivas do bolsonarismo também em redes como o *Facebook* (SILVA, 2020) e o *Twitter* (VISCARDI, 2020), que será o foco deste trabalho.

O *Twitter* é uma rede social de *microblogging* focada em postagens curtas, de até 280 caracteres, com as quais usuários podem interagir através de simples respostas ou *retweets*, que permitem ao indivíduo compartilhar conteúdo de outros perfis em sua própria página. Entre os mecanismos presentes no *Twitter*, está a *hashtag* (#), que funciona como um *hyperlink*, permitindo ao indivíduo clicar na *hashtag* e acessar todas as postagens de usuários, conhecidos ou não, que também a utilizaram naquela rede. Além de ser um dispositivo operacional e indexável de busca na plataforma, a *hashtag* ganhou com o tempo o *status* de um “dispositivo discursivo colaborativo que reforça a cumplicidade, a conexão entre participantes acerca de um ponto de vista, uma ideia, uma opinião, um sentimento” (GOMES; CARVALHO, *no prelo*). Por conta dessas características, seu uso como forma de ativismo digital ganhou bastante força (DOBRIN, 2020) e foi incorporado por representantes de diferentes ideologias políticas (VON BÜLOW; DIAS, 2019; BARONAS; COSTA; PONSONI, 2019).

Diariamente, os assuntos mais comentados do *Twitter* (muitas vezes através de *hashtags*) ficam listados em uma seção de “tendências”, ou *trending topics*, em inglês. Figurar entre as tendências pode trazer certa notoriedade a um determinado assunto ou determinada causa, fazendo que tal tópico muitas vezes seja levado à grande mídia e impacte a sociedade como um todo. Não é de espantar, portanto, que esse espaço seja disputado por diferentes atores políticos da contemporaneidade.

2.2 A CPI da Pandemia e sua repercussão nas redes sociais

Como já apontado, o destaque obtido pela CPI da Pandemia na mídia tradicional e nas redes sociais (ZACHARIAS, 2021) fez com que as transmissões da CPI fossem acompanhadas por dezenas de milhares de brasileiros em plataformas como o *YouTube* e *Twitch*, figurando também entre os tópicos mais discutidos no *Twitter*. Além disso, a

interação entre internautas e as contas oficiais de senadores membros da CPI também chamou a atenção, o que é mais um reflexo daquilo que chamamos de horizontalização na comunicação política via internet (CESARINO, 2020; KHOSRAVINIK, 2017a).

A rede bolsonarista foi amplamente afetada por essa repercussão negativa da CPI para o governo. Uma das tentativas de contornar essa situação foi após a declaração de Flávio Bolsonaro, senador e filho do presidente, que chamou Renan Calheiros de “vagabundo” em meio a uma sessão da comissão. A partir desse episódio, a *hashtag* #RenanVagabundo ocupou posição de destaque entre os assuntos mais discutidos do Twitter (ZACHARIAS, 2021), reverberando ataques aos senadores membros da comissão, em especial Omar Aziz, Randolfe Rodrigue e Renan Calheiros, presidente, vice-presidente e relator da CPI, respectivamente. Outras *hashtags* também foram mobilizadas pelos bolsonaristas, como a #CPIdoCirco e #CPIdoLula, porém com menos interações.

Entre os tuítes postados com o objetivo de atacar e desmoralizar a CPI, é possível observar padrões recorrentes, como tuítes com ataques à figura dos senadores ou tuítes que afirmam que a CPI tem apenas objetivos políticos/eleitoreiros. Nosso objetivo com este trabalho é, portanto, analisar quais são os padrões desses ataques no que diz respeito à sua estrutura, agrupá-los e examinar seu conteúdo através do enquadramento metodológico de Fairclough (2003) para compreender seu funcionamento.

3 Fundamentação teórica: Análise Discursiva Crítica (ADC)

De acordo com Fairclough (2012), a Análise Discursiva Crítica (ADC) é baseada em uma concepção da linguagem (ou semiose, de modo geral) enquanto um dos momentos (cf. HARVEY, 1996 apud CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) que estrutura as práticas materiais sociais. Assim sendo, para obtermos uma visão verdadeiramente completa das dinâmicas que estruturam as práticas sociais, precisamos pensá-las em diálogo com a produção de significados em determinada sociedade/grupo social. Isso não é pôr a linguagem em um local de privilégio na composição das práticas sociais –

afirmando que problemas de ordem material são unicamente discursivos –, mas compreender que a linguagem possui uma função de extrema importância nesses processos.

Para isso, além de chamar a atenção para a relação entre o discurso e os demais momentos das práticas sociais, a ADC tem como objetivo analisar com minúcia os mecanismos que compõem o discurso, ou, conforme Ramalho (2005, p. 197), como “o movimento articulatório entre discurso e demais momentos de uma prática social é materializado nos recursos internos desse momento semiótico”. Assim, o discurso é dividido em três principais significados: acional, representacional e identificacional. O primeiro, segundo Fairclough (2003) diz respeito à ação, i.e., ao(s) discurso(s) como modo de agir no mundo; diferentes gêneros, portanto, são diferentes modos de agir discursivamente. O segundo diz respeito à representação de processos materiais – o discurso enquanto maneira de representar algo no mundo, que será produzido de maneira diferente por pessoas que ocupam “diferentes posições” na sociedade (FAIRCLOUGH, 2012) –, e o terceiro está ligado à identificação, a “modos particulares de ser, ou seja, identidades pessoais ou pessoas particulares, que se relacionam ao estilo” (RAMALHO, 2005, p. 198). Por questões metodológicas, nossa análise focará principalmente no significado representacional.

Fairclough (2003) afirma que o significado representacional pode ser analisado a partir de três elementos: processos, participantes e circunstâncias. Analisando textos que descrevem processos sociais, podemos observar, por exemplo, quais etapas de um determinado processo são mencionadas e quais são omitidas, ou quais aspectos de tal processo são salientados. É possível ainda observar questões relacionadas à agência dos participantes, como, por exemplo, quais são retratados como agentes e quais são representados como pacientes, ou sua categorização, através de metáforas e outros recursos discursivos. As circunstâncias podem ser analisadas através da localização no tempo e espaço presente em um determinado texto. Assim, através do enquadre analítico fornecido por Fairclough (2003), realizaremos nossa análise para descrever as práticas discursivas utilizadas por bolsonaristas para representar a CPI da Pandemia através do *Twitter*.

4 Metodologia

Esta é uma análise qualitativa. Os dados foram coletados a partir da plataforma de pesquisa avançada do *Twitter*, que permite ao usuário acessar tuítes e *hashtags* através de diferentes filtros. Para nosso trabalho, buscamos tuítes que continham a *hashtag* #RenanVagabundo ou #CPIdoCirco em outubro de 2021, enquanto a CPI ainda estava em curso. Desses, filtramos através da ferramenta de busca para que se apresentassem resultados com ao menos 200 curtidas, de modo que ficassem evidentes tuítes com um maior número de interações. A partir desses tuítes, buscamos por exemplos que fossem representativos de diferentes estratégias discursivas adotadas por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Dessa maneira, a análise aqui apresentada não é uma análise exaustiva, e essa decisão foi tomada para que pudéssemos comentar a respeito de diferentes tipos de tuítes que foram encontrados a respeito da CPI. Um possível desdobramento deste trabalho no futuro seria justamente uma análise que levasse em consideração esses tuítes de modo quantitativo, para que pudéssemos compreender melhor quais estratégias são mais frequentes e o que motivaria esses números.

Em razão do espaço e do objetivo proposto por este trabalho, nossa análise focou apenas no conteúdo de alguns dos tuítes originais encontrados nessa busca, sem levar em consideração seus comentários. Isso se justifica pelo interesse em investigar diferentes estratégias de comunicação de políticos e cidadãos bolsonaristas. Dessa forma, ainda que a análise proposta não esgote as possibilidades de comunicação e interação desses atores nas redes sociais, ela atende ao propósito de delinear seu funcionamento, servindo como base para trabalhos futuros que se proponham a aprofundar essa discussão.

5 Análise dos dados

É certo que as categorias analíticas propostas por Fairclough (2003) nem sempre podem ser vistas como coisas essencialmente separadas no discurso; elas nos auxiliam a analisar o texto, mas, na prática, estão sempre interligadas. No entanto, analisando os tuítes produzidos com as *hashtags* supracitadas, um dos elementos definidos por Fairclough (2003) como constituinte do significado representacional tem bastante foco: os participantes. Primeiramente, focaremos em como os participantes, i.e., os senadores membros da CPI, são descritos, para em seguida examinarmos o processo em si.

5.1 Os participantes: “um vagabundo como Renan Calheiros”

O foco principal dos ataques de bolsonaristas à legitimidade da CPI se concentra na figura de seus membros, em especial Renan Calheiros, o que pode ser evidenciado pela alta circulação da *hashtag* #RenanVagabundo no *Twitter*. Para realizar uma análise completa a respeito do funcionamento de discursos políticos dos movimentos que surgiram nos últimos anos – forjados na era da internet –, é necessário entendê-los como parte de uma relação dialógica com as redes sociais. Como foi mencionado anteriormente, Flávio Bolsonaro, ao chamar Renan Calheiros de vagabundo em plena sessão da CPI, faz um aceno a seus apoiadores nas mídias sociais, incentivando a emergência de movimentos virtuais como o que ocorreu com essa *hashtag*. Assim, busca-se tirar o foco do conteúdo da CPI e dos crimes e omissões por ela revelados, para chamar atenção para outro aspecto – o suposto caráter “duvidoso” de seus membros – e conquistar espaço no debate público dentro das redes. Apesar de ser necessário observar o funcionamento dessas estruturas (CESARINO, 2020), é também bastante relevante examinar seu conteúdo, ou seja, quais discursos são usados para gerar o engajamento da base bolsonarista e quais elementos são mobilizados para deslegitimar processos políticos, neste caso, a CPI.

Inicialmente, é possível identificar uma representação dos membros da CPI como diretamente opostos ao *ethos*² construídos por Jair Bolsonaro, que, por sua vez, apesar de ser fragmentado, abarcando diversos perfis de apoiadores (CESARINO, 2020; KALIL, 2018), concentra-se em alguns aspectos centrais da figura do presidente enquanto um “cidadão de bem” – honesto e anticorrupção – e enquanto um homem viril, defensor de valores conservadores. Os membros da CPI, por sua vez, constituiriam o oposto. A maior parte dos tuítes menciona acusações de corrupção contra Renan Calheiros, conforme a figura abaixo³.

Figura 1: Tuíte a respeito de Renan Calheiros



Fonte: <https://twitter.com/GalizaAr/status/1405905567563005961>. Acesso em: 9 set. 2021.

Nesse exemplo, o texto escrito do tuíte afirma que o rosto de Renan é “a cara do cinismo e da corrupção”, mas o mais interessante está na relação multimodal entre o texto escrito e a imagem na produção de significados. Utilizamos o termo multimodalidade para descrever a interação entre diferentes recursos semióticos em um texto (VAN LEEUWEN, 2014). Ainda que nossa análise não seja uma análise multimodal, a multimodalidade é importante para que se compreenda como discursos políticos

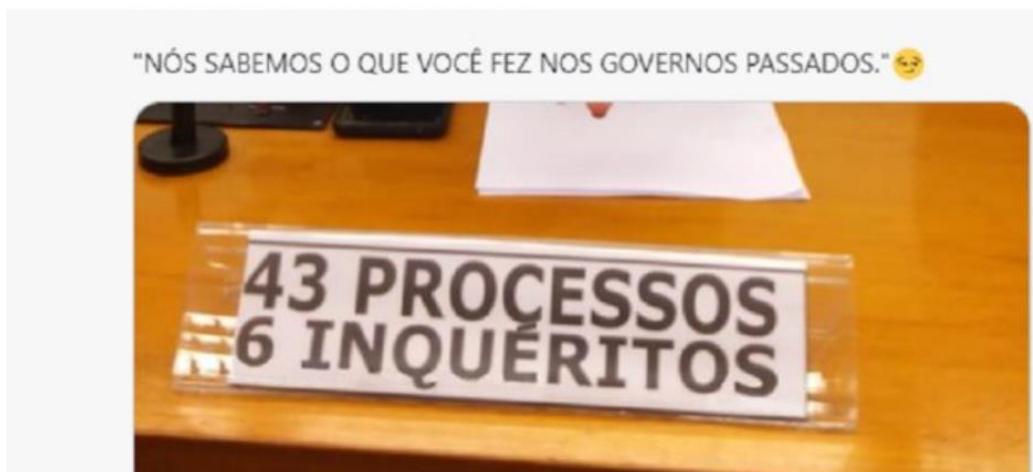
² Na análise do discurso, *ethos* pode ser entendido como a imagem criada discursivamente por um enunciador (FLORINDO, 2012). No caso de Jair Bolsonaro, cria-se a imagem de um homem justo, honesto e viril, sendo essas características apresentadas como representantes de um certo tipo de brasileiro, o “cidadão de bem”.

³ Os tuítes de cidadãos comuns tiveram o nome de usuário removido, enquanto a identidade de figuras públicas será mantida.

circulam nas redes sociais, bem como para entender os memes criados a partir da CPI, que são intrinsecamente multimodais. Dessa forma, entendemos que, para fazer uma análise completa de textos no *Twitter*, é crucial analisar como estão dispostas as imagens que acompanham os tuítes e o que pode ser investigado a partir delas.

No caso da Figura 1, a imagem mostra Renan Calheiros sorridente, segurando uma placa (que é uma montagem) na qual se lê “43 processos & 6 inquéritos”. Abaixo, a legenda da imagem afirma “Quero prender Pazuello com zero processo”, como se o próprio Renan tivesse feito essa afirmação. O tuíte pode ser lido como intertextual, ecoando uma postagem da deputada Carla Zambelli, que postou um tuíte, reproduzido na Figura 2, com uma imagem semelhante (GAZETA DO POVO, 2021), enquanto a *hashtag* se relaciona à fala de Flávio Bolsonaro. É interessante notar como esses parlamentares atuam de forma a fomentar o movimento das redes sociais, o que se nota a partir da presença de tuítes com muito conteúdo intertextual, normalmente reiterando algumas das falas desses atores políticos.

Figura 2: Tuíte de Carla Zambelli a respeito de Renan Calheiros



Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/deputada-carla-zambelli-ironiza-placa-de-renan-calheiros-na-cpi-da-covid/>. Acesso em: 9 set. 2021.

Dessa maneira, a Figura 1 apresenta como contraditório o fato de que uma figura como Renan, investigado por corrupção, possa atuar num procedimento que culmine na prisão de Eduardo Pazuello, ex-ministro da saúde, que seria, por sua vez, um representante dos “cidadãos de bem”, um homem que não responde a qualquer

processo. Fairclough (2003) afirma que uma característica importante de se avaliar no discurso é o nível de abstração com que o interlocutor aborda determinado processo social. No caso da Figura 1, que é semelhante a diversos outros tuítes encontrados em nossa pesquisa, é interessante notar a presença marcante da “corrupção” enquanto processo altamente abstrato: há poucas referências a quais seriam esses atos de corrupção em si e por que motivo específico eles deslegitimariam Renan Calheiros a compor a CPI. Por outro lado, não há qualquer referência aos diversos comportamentos suspeitos de Pazuello conforme apurado pela CPI e divulgado pela mídia. A imagem de Pazuello enquanto participante no processo da CPI é a imagem de uma vítima: um homem de bem, honesto, sendo atacado por políticos corruptos.

Figura 3: Tuíte do deputado bolsonarista Carlos Jordy



Fonte: <https://twitter.com/carlosjordy/status/1392577276584288259>. Acesso em: 9 set. 2021.

No exemplo acima, uma figura pública, o deputado federal Carlos Jordy, posta um vídeo contendo o trecho em que Flávio Bolsonaro chama Renan Calheiros de vagabundo, repetindo ainda no texto do tuíte a frase de Flávio entre aspas. O mais interessante nessa postagem é a afirmação do deputado de que Flávio havia dito “tudo que todo brasileiro gostaria de falar na cara de Renan Calheiros”. Há nesse tuíte a construção de Flávio

enquanto representante “verdadeiro” dos brasileiros: um homem do povo, que diz o que o povo quer dizer, enquanto o outro lado defende apenas os interesses de “vagabundos como Renan Calheiros”. É possível notar a presença da distinção entre “nós” e “eles” (WODAK, 2020), sendo que, no discurso de Flávio e seus apoiadores, como Jordy, constrói-se uma noção do “nós” bolsonarista como representação do “brasileiro de verdade”, do povo – bem aos moldes do que se observa na definição do populismo por Laclau (2005) – enquanto “eles”, a oposição, é composta apenas por “vagabundos” contra os interesses da nação, contribuindo, mais uma vez, para a representação do governo federal enquanto refém, vítima da CPI.

Há também ataques a outros senadores que compõem a CPI. Randolfe Rodrigues, vice-presidente da CPI da Pandemia, já foi chamado de “senador saltitante” (SOARES, 2021) pelo presidente da República e seus apoiadores. Como parte da construção de um *ethos* pautado na virilidade, Bolsonaro sempre apresentou um discurso LGBTfóbico violento (KALIL, 2018), que não mudou após sua ascensão ao cargo de presidente (GOMES; CARVALHO, *no prelo*). Da mesma forma, seus apoiadores utilizam de ofensas homofóbicas para se referir ao senador Randolfe, como na Figura 4, na qual o internauta se refere a ele como “gazela”, enquanto a imagem produz um intertexto fazendo referência ao filme de animação “A Dama e o Vagabundo”.

Figura 4: Tuíte com ataque homofóbico a Randolfe Rodrigues

#RenanVagabundo e a gazela , isso nunca foi dama
 😬😬😬😬😬😬



Fonte: <https://twitter.com/tiadozapzapi/status/1392937698806190084>. Acesso em: 9 set. 2021.

Na imagem, que apresenta a CPI como “CPI do Covidão” e seus membros como “a dama e o vagabundo”, é possível perceber, além da figura de Renan representando o “vagabundo”, Randolfe – em uma caracterização afeminada – representando a “dama”. Randolfe também usa uma camiseta com o rosto do ex-presidente Lula com os dizeres “Lula Livre”, indicando outro lugar comum nos discursos bolsonaristas a respeito da CPI: de que a Comissão seria ilegítima por representar um plano da esquerda para tomar o poder de Jair Bolsonaro⁴. O cartaz segurado por Randolfe na imagem reafirma isso, de que a CPI seria apenas um plano para perseguir politicamente o governo federal, neste caso específico, o ex-ministro Eduardo Pazuello.

Outro elemento da imagem que chama atenção é a presença de ratos aos pés dos senadores. Um deles, à esquerda, carrega no peito uma estrela vermelha: o símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT). Essa representação não só reforça a ideia de que a CPI é

⁴ Algo que é possível verificar também pela tentativa de bolsonaristas de divulgar a *hashtag* #CPIdoLula.

um plano político da esquerda para atacar o governo federal, mas também desumaniza esses atores políticos. Forceville (2002) define esse tipo de recurso como metáfora pictórica, sendo que existe uma clara comparação entre membros do PT e ratos. Metáforas que representam seres humanos como animais são bastante comuns em discursos que buscam difamar um grupo externo indesejável, sendo ratos os animais mais usados nesse tipo de comparação (WAŚNIEWSKA, 2018). Afinal, a associação de ratos com sujeira e esgoto faz com que eles sejam vistos com desprezo de forma quase universal na cultura ocidental. Essa metáfora, portanto, é mais um dos recursos mobilizados para separar o “nós” e “eles” na imagem, dessa vez de forma bastante drástica. O “nós” bolsonarista é constituído de seres humanos trabalhadores e conservadores, enquanto o “eles” da esquerda, mais especificamente o PT, é constituído de vagabundos, pessoas LGBTQIA+ e ratos.

O uso de discursos LGBTfóbicos para desmoralizar opositores é comum no bolsonarismo, tendo o próprio presidente dito, no contexto da pandemia, que “usar máscara é coisa de viado” (GOMES; CARVALHO, *no prelo*). Representações afeminadas e LGBTfóbicas de figuras da esquerda, portanto, são usadas diversas vezes por bolsonaristas para reafirmar sua posição enquanto “cidadãos de bem”, “homens direitos” e “defensores da família”, o que é recorrente nos dados a respeito da CPI, principalmente com referência ao senador Randolfe.

Foi recorrente também a caracterização de senadores membros da CPI como hipócritas, que utilizam a CPI como “palanque político” e realizam atitudes que seriam contraditórias, como o não uso de máscaras ou presença em aglomerações, como na figura abaixo.

Figura 5: Acusações de hipocrisia



Fonte: <https://twitter.com/Ajveiga2/status/1431926450060365829> . Acesso em: 9 set. 2021.

Esse tipo de acusação pode soar ilógico, visto que o próprio Bolsonaro criticou o uso de máscaras repetidas vezes, mas é parte de como funciona um discurso político adaptado às estruturas das redes sociais (CESARINO, 2019b; KALIL, 2018). Por isso, análises como a nossa podem obter resultados confusos à primeira vista. No entanto, é possível entender o funcionamento desse mecanismo discursivo levando em consideração a estrutura fragmentalizada das redes. Através dos algoritmos, que trabalham para trazer uma experiência personalizada para cada usuário, diferentes discursos atingem diferentes públicos. Dessa forma, o uso de uma miríade de discursos vagos é eficiente para atingir diferentes “bolhas” com um objetivo em comum: deslegitimar a CPI. Esse processo é semelhante ao que Kalil (2018) observa nas eleições presidenciais de 2018: a figura do presidente Jair Bolsonaro não era única entre seus apoiadores, assumindo diferentes representações para diferentes públicos. No que tange à CPI da Pandemia, ela seria ilegítima porque, por um lado, seus membros são corruptos, vagabundos – representantes de valores contrários aos do presidente Bolsonaro – e, por outro lado, porque seus membros são pessoas hipócritas que não tem como objetivo fazer justiça com relação à situação da pandemia, mas perseguir politicamente o governo Bolsonaro.

5.2 O processo: CPI como palanque político

Conforme citado com relação à Figura 5, outra questão recorrente – apesar de não tão frequente quanto os ataques aos senadores – nos dados observados a partir das *hashtags* bolsonaristas é que a CPI seria apenas um “palanque político” para autopromoção de seus membros. A relação dos bolsonaristas com o item lexical “política” é complexa, visto que, desde , o então candidato à presidência Jair Bolsonaro constrói sua imagem a partir de uma retórica antipolítica. Esse discurso não mudou após sua eleição, tendo os bolsonaristas frequentemente utilizado essa questão para atacar os oponentes políticos, forjando uma oposição no estilo “nós” e “eles” que os coloca na posição de brasileiros de verdade – conforme observamos nas figuras anteriores – e os oponentes enquanto alheios aos interesses do povo.

Figura 6: Deputada Carla Zambelli acusa senadores da CPI

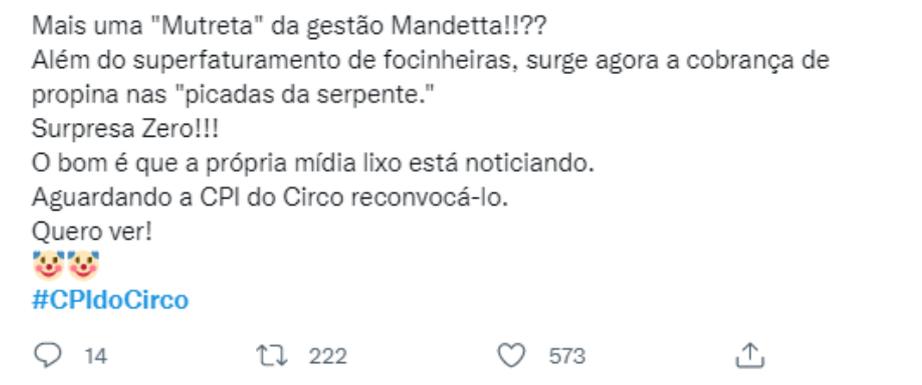


Fonte: <http://twitter.com> (conta da autora atualmente suspensa pela plataforma). Acesso em: 9 set. 2021.

Na Figura 6, a deputada bolsonarista Carla Zambelli se usa da oposição “nós” e “eles” para afirmar que “alguns” preferem construir palanques sobre cadáveres – ou seja, os senadores que compõem a CPI –, enquanto ela comemora a esperança, referindo-se ao aumento no número de vacinados no Brasil. A metáfora do “palanque político” foi usada diversas vezes por bolsonaristas, que buscam argumentar que a CPI seria ilegítima por uma suposta falta de parcialidade. Assim, constrói-se uma imagem da CPI – o processo – como mecanismo de perseguição política e autopromoção de políticos de oposição, enquanto o governo federal ocupa a posição de vítima. Esse discurso reforça também a ideia populista de que o bolsonarismo é uma suposta “voz do povo”, enquanto a oposição defende apenas interesses “políticos”.

É evidente também como há diversos tuítes que salientam a importância de figuras políticas além do presidente, mais especificamente aqueles que são seus opositores e ex-apoiadores. Na Figura 7, é possível perceber que, frente a denúncias de corrupção na aquisição de vacinas, bolsonaristas associam esse comportamento criminoso ao ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, que deixou o cargo após conflitos com o presidente Bolsonaro a respeito da gestão da pandemia de COVID-19. Quando denúncias de corrupção ou má gestão estão ligadas ao ex-ministro Eduardo Pazuello, elas são lidas pelo público bolsonarista nas redes como ilegítimas, pois são julgadas por “políticos corruptos”. Se forem ligadas à gestão de outro ministro, como Mandetta (que, apesar de ter sido indicado por Bolsonaro, tornou-se opositor do presidente), elas se tornam mais uma evidência de que os inimigos de Jair Bolsonaro são todos corruptos. Mais uma vez, fica claro como a ecologia fragmentada das redes sociais é responsável pela produção de discursos com representações vagas e muitas vezes incoerentes, mas eficientes em seu propósito comunicativo.

Figura 7: Tuíte associando a cobrança de propina nas vacinas com a gestão do ex-ministro Mandetta



Fonte: https://twitter.com/RICo_PINHEIRO/status/1410051684546580480. Acesso em: 9 set. 2021.

Outra metáfora interessante na Figura 7 diz respeito às máscaras, que são chamadas de “focinheiras”, ecoando teorias da conspiração que circularam em diversas redes sociais não só no Brasil, mas também nos EUA e Europa, de que as máscaras seriam dispositivos de controle utilizados para retirar a individualidade da população por grupos “globalistas/comunistas”. Teorias da conspiração foram abundantes nas redes sociais, principalmente a respeito das vacinas, descritas no tuíte da figura 06 como “picadas da serpente”. Algumas, inclusive, foram repetidas pelo próprio presidente Bolsonaro (KALIL, 2021). Por fim, o próprio uso do termo “CPI do Circo”, também empregado em uma *hashtag* no tuíte, contribui para criar uma ideia da CPI enquanto uma farsa: um projeto político ilegítimo que visa perseguir Bolsonaro e seus aliados.

6 Considerações finais

Com relação à CPI da Pandemia, é possível notar o surgimento de diversos discursos diferentes nas redes bolsonaristas, com argumentos de toda sorte que, no entanto, estão centrados em um objetivo em comum: desmoralizar a CPI e colocar Jair Bolsonaro e seus aliados em uma posição de vítimas. Para isso, merece destaque a categoria “vagabundo”, amplamente utilizada após uma fala polêmica de Flávio

Bolsonaro, que pode ser entendida também como um aceno a seus apoiadores nas redes sociais, o que mostra quão profundamente conectados estão o ambiente virtual e o “real”. Fairclough (2003) nos lembra que estudar o significado representacional permite que se entenda o ponto de vista a partir do qual se apresenta uma questão, bem como qual a avaliação feita a respeito de um fenômeno por parte de quem produz aquele discurso. Assim, a principal estratégia que se observa na produção discursiva de bolsonaristas no *Twitter* é a de reduzir o processo da CPI a seus participantes, tratando as acusações e suspeitas de corrupção e omissão do governo Bolsonaro na pandemia como falsas e ilegítimas através de uma representação negativa dos senadores que conduzem a investigação.

A disputa discursiva travada entre apoiadores e opositores de Jair Bolsonaro por espaço em um ambiente virtual é uma das características interessantes de análise a respeito da maneira como a política é discutida nas redes sociais. A popularização de *smartphones* e a adesão em massa da população brasileira a essas redes traz mudanças no paradigma político que podem ser comparadas com diversos movimentos de radicalização ao redor do mundo. Essa mudança traz também transformações profundas na maneira como o discurso político é constituído, sendo a própria estrutura das redes sociais elaborada em torno de algoritmos que privilegiam publicações “polêmicas” (VENTURINI, 2019). Além disso, esses algoritmos fazem com que usuários das redes sejam automaticamente direcionados para conteúdos que os agradam, o que formam “bolhas” virtuais, ou seja, redes de conteúdos que pouco dialogam entre si. Estudar o discurso das redes sem levar esses fatores em consideração pode ser problemático e levar a respostas que não dão conta de explicar esses fenômenos em sua totalidade.

Este trabalho teve o objetivo, portanto, de contribuir para essa discussão através de um fenômeno bastante importante para o cenário político brasileiro. A CPI da Pandemia prestou um papel de importância extrema ao trazer à tona os detalhes da política desastrosa do governo Bolsonaro que levou mais de 650 mil brasileiros à morte, revelando diversos casos de omissão e corrupção por parte do governo federal, o que teve impactos severos na popularidade do presidente. Assim, observar como bolsonaristas agem discursivamente no ambiente virtual frente a uma crise como essa pode mostrar aspectos interessantes a respeito de que tipos de discursos são usados com

o intuito não só de disputar espaço nas redes sociais, mas de mobilizar uma base de apoiadores em processo de enfraquecimento. A Análise Discursiva Crítica, em diálogo com áreas como a Antropologia e a Ciência de Dados, dispõe de ferramentas poderosas para estudar as transformações que têm ocorrido no debate político na contemporaneidade e em como os ambientes virtuais têm sido decisivos nesses processos de mudança.

Referências

BARONAS, R. L.; COSTA, J. L.; PONSONI, S. Os tecnografismos a partir da hashtag #EleNão. **Discurso & Sociedad**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 515-533, 2019.

BERGER, J.; MILKMAN, K. L. What Makes Online Content Viral? **Journal of Marketing Research**, [s. l.], v. 49, p. 192-205, 2012.

CESARINO, L. On digital populism in Brazil. **PoLAR: Political and Legal Anthropological Review**, 2019a. Disponível em: <https://polarjournal.org/2019/04/15/on-jair-bolsonaros-digital-populism/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência neoliberalismo-conservadorismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019b.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CHANDLER, R. C. **Meme World Syndrome: A Critical Discourse Analysis of the First World Problems and Third World Success Internet Memes**. 90 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação). University of Central Florida. Orlando, 2013.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DOBRIN, D. The hashtag in digital activism: a cultural revolution. **Journal of Cultural Analysis and Social Change**, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2020.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Tradução de Iran Ferreira de Melo. **Linha d'água**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.

FLORINDO, P. P. Ethos: um percurso da retórica à análise do discurso. **Revista Pandora Brasil**, [s. l.], n. 47, p. 1-8, 2012.

FORCEVILLE, C. The identification of target and source in pictorial metaphors. **Journal of Pragmatics**, [s. l.], v. 24, p. 1-14, 2002.

FUCHS, C. Web 2.0, presumption and surveillance. **Surveillance and society**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 288-309, 2011.

GAZETA DO POVO. **Deputada Carla Zambelli ironiza placa de Renan Calheiros na CPI da Covid**, 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/deputada-carla-zambelli-ironiza-placa-de-renan-calheiros-na-cpi-da-covid/>. Acesso em: 8 set. 2021.

GIELOW, I. Datafolha: Reprovação a Bolsonaro sobre a 51%, novo recorde do presidente. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/datafolha-rejeicao-a-bolsonaro-sobe-a-51-novo-recorde-do-presidente.shtml>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GOMES, M. C. A.; CARVALHO, A. B. Resignificação e agência: analisando a hashtag #coisadeviado, **no prelo**.

KALIL, I. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. São Paulo: FESPSP, 2018.

KALIL, I. et al. Politics of fear in Brazil: Far-right conspiracy theories on COVID-19. **Global discourse: an interdisciplinary journal of current affairs**, Bristol, v. 11, n. 3, p. 409-425, 2021.

KHOSRAVINIK, M.; UNGER, J. Critical discourse studies and social media: power, resistance and critique in changing media ecologies. In: WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.). **Methods of critical discourse studies**. Los Angeles: Sage, 2016. p. 205-233.

KHOSRAVINIK, M. Social media critical discourse studies (SM-CDS). In: FLOWERDEW, J.; RICHARDSON, J. (orgs.). **Handbook of Critical Discourse Analysis**. London: Routledge, 2017a. p. 582-596.

KHOSRAVINIK, M. Right wing populism in the West: Social Media Discourse and Echo Chambers. **Insight Turkey**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 53-58, 2017b.

LACLAU, E. **On populist reason**. London: Verso, 2005.

LIMA-NETO, V.; OLIVEIRA, E. G. Memes no Facebook: letramento crítico na escola pública a partir do humor. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 33-53, 2019.

RAMALHO, V. C. V. S. Ideologia e representação de atores sociais: a invasão ao Iraque. **Revista Investigações**, Recife, v. 18, p.195-206, 2005.

SILVA, R. R. A. **Bolsonarismo, eleições e redes sociais**: uma análise das estratégias discursivas dos deputados supervotados do PSL no Facebook. 130 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SOARES, I. Bolsonaro volta a atacar CPI e chama Randolfe de “senador saltitante”. **Correio Braziliense**, 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/07/4935096-bolsonaro-volta-a-atacar-cpi-e-chama-randolfe-de-senador-saltitante.html>. Acesso em: 08 dez. 2022.

TEIXEIRA, R. Internautas enviaram 396 perguntas em apenas um dia de CPI. **Rádio Senado**, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/06/14/internautas-enviaram-396-perguntas-em-apenas-um-dia-de-cpi>. Acesso em: 18 ago. 2021.

VAN LEEUWEN, T. Critical Discourse Analysis and Multimodality. In: HART, C.; CAP, P. (orgs.). **Contemporary Critical Discourse Studies**. London: Bloomsbury, 2014. p. 121-146.

VENTURA, D.; REIS, R. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19: um ataque sem precedentes aos direitos humanos no Brasil. **Boletim Direitos na Pandemia**, São Paulo, v. 10, p. 6-31, 2021. Disponível em <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10/>. Acesso em: 1 set. 2021.

VENTURINI, T. From fake to junk news: the data politics of online virality. In: BIGO, D.; ISIN, E.; RUPPERT, E. (orgs.). **Data Politics: Worlds, Subjects, Rights**. London: Routledge, 2019. p. 123-144.

VISCARDI, J. M. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, p. 1134-1157, 2020.

VON BÜLOW, M.; DIAS, T. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 120, p. 5-32, 2019.

WAŚNIEWSKA, M. A Dog or a Wolf: The role of connotations in animalistic metaphors and the process of dehumanisation. **New Horizons in English Studies**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 3-17. 2018.

WERNECK, N. CPI da COVID: #RenanVagabundo é a tag mais usada por robôs no Twitter. **Estado de Minas**, 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/14/interna_politica,1266710/cpi-da-covid-renanvagabundo-e-a-tag-mais-usada-por-robos-no-twitter.shtml. Acesso em: 18 ago. 2021.

WODAK, R. **Politics of fear**: the shameless normalization of far-right discourse. London: Sage, 2020.

ZACHARIAS, B. CPI da Pandemia gera 11,8 milhões de publicações no Twitter. **CNN Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/cpi-da-pandemia-gera-11-8-milhoes-de-publicacoes-no-twitter/>. Acesso em: 1º set. 2021.

Recebido em 30/04/2022

Aprovado em 17/09/2022